



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local Mídia Impressa

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, segunda-feira, 7 de março de 2011

A CRITICA

Juros altos e consequências..... 1
ECONOMIA

AMAZONAS EM TEMPO

Contexto 2
OPINIÃO

AMAZONAS EM TEMPO

Indústria deve puxar PIB para baixo, diz pesquisa..... 3
ECONOMIA

Juros altos e consequências

>A tendência é de desaquecimento da atividade econômica, principalmente no setor da construção civil;

>Consequentemente, os juros ao consumidor devem subir para valores próximos de 120% ao ano;

>Com juros altos, a melhor opção de investimentos para os conservadores são os títulos da dívida.

Há quase dois anos, o Brasil estava com sua taxa básica de juros no nível mais baixo da história, 8,75% ao ano. Apesar de ainda alta quando comparada aos padrões internacionais, era uma taxa que o brasileiro sentia-se confortável para consumir.

Naquele período de 2009, os juros reais, quando descontada a inflação, estavam na faixa de 4% ao ano.

Como resultado dos baixos juros, o crédito se expandiu, tanto para empresas quanto para pessoas físicas.

O financiamento imobiliário também cresceu e a economia parecia seguir firme e forte rumo ao desenvolvimento.

A alegria durou pouco, apenas 6 meses. Bastou esse mínimo estímulo à economia que a inflação ameaçou voltar.

Então o Banco Central teve que subir os juros novamente, em abril de 2010, para 9,5% ao ano até chegarmos, na semana passada aos 11,75% ao ano. Como sabemos, isso tem muitas consequências para a economia.

Construção civil

Por ser um dos setores que mais se utiliza do crédito, a construção civil deve ser um dos primeiros a sentir os efeitos dos juros altos. De acordo com a análise econômica, a queda no financiamento imobiliário será inevitável.

A REFERÊNCIA

A taxa básica de juros, também conhecida como SELIC (Sistema Especial de Liquidação e de Custódia) é assim chamada por ser a taxa de juros que serve de referência para a economia como um todo. É um parâmetro de comparação de taxas de juros. O valor do Selic expressa o quanto que o Governo brasileiro está pagando por pegar dinheiro emprestado das pessoas. As empresas do setor produtivo e do financeiro utilizam a taxa básica de juros para tomar suas decisões. As indústrias, por exemplo, ao notarem que a taxa básica está subindo, interrompem



seus planos de expansão de produção. Os bancos, por sua vez, passam a cobrar mais caro para emprestar dinheiro e os consumidores diminuem o consumo porque as prestações ficam mais caras. Todos esses fatores funcionam conjuntamente na economia baseado nos efeitos da taxa básica de juros. Portanto, crescimento econômico como o

do ano passado, pode esquecer.

O LADO FINANCEIRO

A taxa básica estava em 11,25% ao ano. A esse nível, os bancos emprestavam dinheiro ao consumidor por aproximadamente 108% ao ano e, para as empresas, por aproximadamente 49,7% ao ano. Veja que a taxa cobrada do consumidor é 9,6 vezes maior

que a taxa Selic e a taxa cobrada das empresas é 4,4 vezes maior que a Selic. Em termos percentuais, os juros ao consumidor é 860% maior que a taxa básica de juros. É óbvio que essa margem é absurdamente alta, mas no Brasil isso parece ter se transformado em cultura. Os Bancos alegam que o risco é muito elevado e por isso a margem precisa ser igualmente elevada. Com o aumento da Selic, os Bancos devem manter a mesma proporção da margem para não perderem lucratividade. Consequentemente, os juros ao consumidor devem subir para valores próximos de 120% ao ano e, para as empresas, próximo de 55%. Nota-se que o poço entre a taxa básica e a taxa do consumidor aumenta ainda mais. Isso ocorre porque os juros são compostos, ou seja, incidem juros sobre juros mês a mês.

Com juros mais elevados, as empresas não tomam dinheiro emprestado para investir na produção. Os consumidores, por sua vez, compram menos porque a prestação ficou mais cara. Conseguir o financiamen-

to da casa própria fica também mais difícil.

Os juros mais elevados limitam a capacidade de pagamento das pessoas, isto é, a renda passa a não ser suficiente para suportar as parcelas mensais do financiamento. O efeito seguinte é sobre a construção civil, um dos maiores empregadores, que deverá reduzir as atividades. Por tabela, quem investiu em imóveis pensando em obter lucros exorbitantes como em 2010, pode esquecer. A tendência é de que os preços dos imóveis caiam ou se mantenham estáveis. O lado bom dos juros altos são os retornos financeiros. Os títulos da dívida do governo brasileiro é a melhor opção do momento, pois oferece bons retornos e o risco é praticamente zero. Claro que isso é uma vantagem para quem tem dinheiro disponível para investir. Como fica a situação de quem depende de financiamento para comprar uma simples televisão ou sofá? Esse é lado mais cruel dos juros elevados, porque penaliza quem tem menor poder aquisitivo.

Contexto

Calado

O ministro da Indústria e Comércio, Fernando Pimentel, ainda não se manifestou oficialmente sobre a Suframa. Por meio da assessoria de imprensa, o ministério informa que a saída de Flávia Grosso nunca foi cogitada.

Indústria deve puxar PIB para baixo, diz pesquisa

O crescimento da economia brasileira no ano passado, de 7,5%, segundo dados divulgados nesta semana pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi um ponto fora da curva – jargão usado na economia para explicar um resultado atípico. É o que afirma no relatório “Conjuntura Econômica”, divulgado no fim de semana pela consultoria MB Associados e assinado pelo economista Sérgio Vale. Ele acredita que a indústria deverá puxar para baixo o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) ao longo dos próximos trimestres. A MB, de acordo com Vale, trabalha com uma projeção de crescimento do PIB de 4,5% neste ano.

Dessa forma, o crescimento do PIB em 2010, segundo Vale, veio sobre uma base de comparação muito baixa – o recuo da economia de 0,2% em 2009.

Neste ano, a produção, em especial a da indústria, deverá ser fraca ao longo dos próximos trimestres em comparação com o forte desempenho de 2010. Em 2009, o PIB da indústria caiu 5,5% e, no ano passado, teve alta de 10,1%.

Contudo, o economista demonstra uma série de preocupações, mesmo considerando a possibilidade de expansão econômica bem menor para 2011. De acordo com a consultoria, uma expansão de 4,5% do PIB propiciaria um crescimento de 6,7% na demanda doméstica, número próximo do registrado em 2008, quando a economia estava bastante aquecida. Para a MB Associados, até agora as indicações tanto da política monetária quanto da fiscal não são, de fato, de desaceleração. “Ao que parece, existe uma crença de que essa tal desaceleração já começou”, teme Vale.

Causa está na indústria

Para Vale, o PIB deverá crescer menos por causa do fraco desempenho previsto para a indústria, mas a inflação continuará flertando com o teto da meta. Diante disso, a consultoria espera que o Índice de Preços ao Consumidor (IPCA) feche em 6%. Ou seja, o País entrará em um período que reforçará a ocorrência de uma oferta menor do que a demanda. Em 2010, o PIB cresceu 7,5%, puxado pelo consumo das famílias (7%) – do lado demanda –, mas com um PIB Agropecuário – do lado da oferta – crescendo menos (6,5%) juntamente com o de serviços (5,4%).

Para 2011, as expectativas da Pesquisa Focus (levantamento das previsões dos economistas pelo Banco Central) são de um crescimento da indústria de 4,5% para uma demanda de 6,7%, a mesma prevista pela MB Associados.

Elogios sim, expectativas não

O resultado do PIB em 2010, divulgado na última semana, também foi visto pelo Ministério da Fazenda como excepcional. O responsável pela pasta, Guido Mantega, avaliou que a proximidade com o fim da crise econômica mundial potencializou os resultados. “Se considerarmos o PIB a preços de paridade e poder de compra, em conta ainda não oficial, a ser feita pelo FMI ou pelo Banco Mundial, atingimos um PIB de R\$ 3,6 trilhões, o que nos coloca em sétimo lugar, superando a França e o Reino Unido”, afirmou Mantega em entrevista coletiva em Brasília.

Segundo ele, a forte ex-



Ministro da Fazenda Guido Mantega exaltou resultado alcançado pela economia nacional, mas admitiu que marca não tenha passado de um evento excepcional

panção se apoiou no consumo interno do país e, especialmente, na alta de 7% das despesas das famílias, que se beneficiaram do aumento

dos salários, da expansão do crédito e do baixo nível de desemprego, que afeta 6,1% da população ativa, segundo dados oficiais.